

Abordagem de IST's e gravidez na adolescência em UBS no Ceará

Marina Gomes, Maria Eduarda Cavalcante Teixeira Sa, Marília Christina Botelho Dantas, Maria Solange Nogueira Sampaio, Mariana Fidanza Vasconcelos Cavalcante, Paula Ramalho França Flôres, Paula Soares Machado, Bruno Benevides

RESUMO

Introdução: no Brasil, estima-se que aproximadamente 20 a 25% do total de mulheres gestantes são adolescentes, apontando que uma em cada cinco gestantes são adolescentes entre 14 e 20 anos de idade (SANTOS JUNIOR, 1999). Além disso, a gravidez na adolescência e o acometimento por infecções sexualmente transmissíveis (IST's) é mais comum em mulheres de baixa renda e baixa escolaridade, sendo sobrepujante a necessidade de ações interventivas e de educação para esse grupo social. **Procedimento metodológico:** O presente trabalho é um estudo descritivo, transversal e de abordagem quantitativa, centrado na coleta de dados sobre a métodos de prevenção à gravidez e às IST's em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). **Resultados e Discussão:** O estudo foi realizado em uma amostra de quarenta e sete participantes da UBS. Também foi realizada uma intervenção com distribuição de panfletos e educação em saúde na Unidade Básica de Saúde Sandra Nogueira, com o objetivo de esclarecer o público-alvo em relação às medidas de prevenção contra gravidez e ISTs. **Considerações Finais:** Constatou-se insuficiência de conhecimento, demonstrando que medidas de educação em saúde consistem em abordagem significativa para o combate eficaz das infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce.

Palavras-chave: Gravidez; Adolescência; Métodos Contraceptivos; SUS; ISTs.

ABSTRACT

Introduction: In Brazil, it is estimated that approximately 20 to 25% of all pregnant women are adolescents, indicating that one in five pregnant women are adolescents between 14 and 20 years of age (SANTOS JUNIOR, 1999). In addition, teenage pregnancy and sexually transmitted infections (STIs) are more common in low-income and low-education women, and the need for intervention and education for this social group is overwhelming. **Methodological procedure:** The present work is a descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach, focused on collecting data on methods of preventing pregnancy and STIs in a Basic Health Unit (UBS). **Results and Discussion:** The study was carried out on a sample of forty-seven UBS participants. An intervention was also carried out with the distribution of pamphlets and health education at the Basic Health Unit Sandra Nogueira, with the aim of clarifying the target audience regarding measures to prevent pregnancy and STIs. **Final Considerations:** Insufficient knowledge was found, demonstrating that health education measures are a significant approach to effectively combat sexually transmitted infections and early pregnancy.

Keywords: Pregnancy; Adolescence; Contraceptive Methods; SUS; STIs.

Submissão recebida em 08 de junho de 2022.

Aceito para publicação em 19 de setembro de 2022.

Aprovado pela editoria científica

Revista da Rede APS 2022

Publicada em: 23/09/2022

DOI:10.14295/aps.v4i2.223

Marina Gomes
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Maria Eduarda Cavalcante
Teixeira Sa
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Marília Christina Botelho
Dantas
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Maria Solange Nogueira
Sampaio
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Mariana Fidanza Vasconcelos
Cavalcante
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Paula Ramalho França Flôres
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Paula Soares Machado
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Bruno Benevides
(Unichristus, Fortaleza, CE,
Brasil)

Correspondência para:

Marina Gomes

marinagomess14@gmail.com

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS), a adolescência é delimitada como o período entre os 10 e 19 anos, 11 meses e 29 dias, o período de 10 a 24 anos é considerado como juventude. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimita adolescentes entre 12 e 18 anos, 11 meses e 29 dias (MINAS GERAIS, 2007)

No Brasil, estima-se que aproximadamente 20-25% do total de mulheres gestantes são adolescentes, apontando que uma em cada cinco gestantes são adolescentes entre 14 e 20 anos de idade (Santos Júnior, 1999).

Além disso, verifica-se que, no Brasil, se assiste a um aumento do número de adolescentes que engravidam. Ao contrário do que acontece nos restantes países ocidentais, nos quais tende a ocorrer uma diminuição na ocorrência deste evento (IBGE, 2006).

Tal comportamento apresenta-se mais marcante entre jovens de baixa renda. Em 1996, enquanto as adolescentes de menor renda apresentavam uma fecundidade de 128 por 1000 mulheres, as jovens dos segmentos de renda mais elevada apresentavam uma fecundidade de 13 por 1000 mulheres. No entanto, a participação das garotas de classe média entre as grávidas cresceu 34%, já refletindo na rede de saúde particular (REDE FEMINISTA DE SAÚDE, 2004).

Além das mudanças físicas impostas pela faixa etária, a adolescência envolve um período de profundas mudanças biopsicossociais, especialmente relacionadas à maturação sexual, a busca da identidade adulta e a autonomização frente aos pais. A gravidez nesse momento de vida oferece implicações desenvolvimentais tanto para o adolescente quanto para aqueles envolvidos nessa situação. A literatura tem tratado a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública, especialmente pelo fato de propiciar riscos ao desenvolvimento da criança gerada e da própria adolescente gestante (GONTIJO & MEDEIROS, 2004).

Quanto às repercussões negativas da gravidez precoce para a adolescente, as consequências são identificadas como problemas no crescimento e desenvolvimento como um todo emocionais, comportamentais e educacionais, além de complicações no parto. Porém as consequências também atingem os recém nascido, sendo um fator de risco para o parto prematuro, baixo peso ao nascer, baixos apgars, entre outras complicações (SILVA *et al.*, 2011).

Diante disso, foram citados como fatores determinantes para a gestação na adolescência o início precoce da vida sexual, influência da mídia, família, ausência de informações nas escolas e equipe de saúde, violência sexual, a deficiência no uso de preservativo, aspectos socioeconômicos e o pensamento idealizado da adolescente.

As doenças relacionadas com o contágio a partir de relações sexuais desprotegidas, as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), têm se tornado um problema na saúde pública, com destaque para a faixa etária jovem (CARVALHO *et al.*, 2018). É nessa fase da vida em que as manifestações e descobertas sexuais ocorrem, podendo haver um início precoce dessas relações (ALVES *et al.*, 2020).

De acordo com Magnusson *et al.* (2019), a associação entre comportamentos sexuais de risco, tanto na adolescência como prosseguindo na vida adulta, está relacionado ao início das experiências sexuais antes dos 15 anos. Além disso, corrobora para um número maior de parceiros, inconsistência do uso de contraceptivos e gravidez.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019 (IBGE, 2021), entre os adolescentes, 63,3% fizeram uso de preservativo na sexarca e 59,1% na última relação sexual. Outrossim, este estudo também demonstra que 84,9% desse público entre 16 e 17 anos já utilizou outros métodos contraceptivos além da camisinha.

No âmbito das ISTs, observa-se uma prevalência de sífilis, gonorreia, hepatite B e C, HPV, além do HIV. Um dos fatores que geram ainda a ocorrência dessas enfermidades é a falta de

informação desses jovens sobre as doenças que podem ser transmitidas pelo ato sexual e como reconhecê-las, pois algumas apresentam caráter assintomático por um determinado tempo, provocando, assim, sua disseminação (CAMARGO *et al.*, 2010).

Do mesmo modo, há uma compreensão errônea dos métodos que previnem apenas a gravidez, como o caso dos anticoncepcionais orais, e dos métodos de proteção contra as ISTs. Essa falta de informação está relacionada tanto com a idade desses jovens, com o meio social inserido, como também com a educação e orientação deficiente dada nas escolas. Ademais, a gravidez indesejada é a maior preocupação entre as adolescentes em detrimento das doenças que possam ser adquiridas (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Nessa perspectiva, a educação em saúde é de fundamental importância para o desenvolvimento dos adolescentes. Essas informações são dadas pela família e, principalmente, nas escolas e nos serviços de saúde, como na atenção primária (ALVES *et al.*, 2020).

O objetivo do estudo foi relatar a experiência e ações de acadêmicos de medicina na Atenção Básica sobre medidas de prevenção contra a gravidez na adolescência e as infecções sexualmente transmissíveis (IST's) a partir do estudo da epidemiologia dos participantes e investigando seu conhecimento acerca dos métodos contraceptivos e IST's, aplicando métodos de educação em saúde sobre medidas de proteção contra IST's e a gravidez (abordagem direta, sala de espera, distribuição de panfletos e outros).

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de estudo

O presente trabalho se trata de um estudo descritivo, transversal e de abordagem quantitativa, centrado na coleta de dados sobre o conhecimento das pessoas sobre métodos de prevenção à gravidez e às IST's em uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

Técnica metodológica

Foi elaborado um questionário com 20 perguntas, contendo indagações objetivas e subjetivas. Esse foi aplicado em 47 indivíduos, para posterior análise de dados.

Cenário e período de estudo

A pesquisa foi realizada durante os meses de março a maio de 2022 no Posto de Saúde Sandra Maria Faustino Nogueira, localizada no município de Fortaleza, no estado do Ceará, a qual recebe, diariamente, casos de gravidezes não planejadas (especialmente na adolescência) e pacientes com infecções sexualmente transmissíveis.

População do estudo

A população que participou do presente estudo consiste nos indivíduos que frequentam o Posto de Saúde Sandra Maria Faustino Nogueira da área adscrita, a população feminina que estava realizando atendimentos eletivos e de retorno, tanto para pré-natal, quanto para realizar a imunização dos filhos já nascidos e seu atendimento.

Critério de inclusão e exclusão

Como critério de inclusão, o questionário foi aplicado em toda a população feminina que estava frequentando o posto no dia da coleta de dados, incluindo a população feminina adscrita da faixa etária entre pré-adolescentes e idosas, incluindo também gestantes e puérperas. Como critério de exclusão, entram os indivíduos do sexo masculino e as pessoas que negaram responder o questionário.

Coleta de dados

No primeiro encontro e visita à UBS, foi observado inicialmente o público prevalente na região, as especialidades atendidas na unidade e avaliação do tipo e desenho do estudo a ser realizado nas próximas visitas. O tema gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e IST's mostrou-se nitidamente relevante visto a prevalência no público atendido pela unidade e o pouco abordado em ações educativas no local, sendo escolhido como objeto do projeto de intervenção da equipe, juntamente com o orientador. Na primeira etapa, optou-se pela elaboração de um questionário contendo

perguntas focadas na gravidez na adolescência, a prevalência na comunidade e famílias, o conhecimento sobre os métodos contraceptivos disponibilizados gratuitamente pelo SUS, os métodos eficazes contra as infecções transmitidas sexualmente, e qual o nível de conhecimento sobre as IST's mais prevalentes. O questionário modelo encontra-se nos anexos do presente trabalho. Posteriormente, o questionário foi aplicado no segundo encontro pela equipe, no qual foi coletado um total de 47 respostas. O questionário foi elaborado na ferramenta Google Forms e aplicado através do celular de forma digital, onde o pesquisador registrava a resposta de cada participante no Google Forms.

Análise de dados

Através da plataforma Google Forms, os dados qualitativos serão analisados através de tabelas e gráficos elaborados com os principais resultados e os percentuais relevantes obtidos na pesquisa. Os dados qualitativos também obtidos através do formulário e também através da intervenção serão analisados através do método de análise de conteúdo, buscando sistematizá-los objetivamente e correlacioná-los de forma a permitir sua interpretação.

Resultados esperados

Estabelecer a prevalência da gravidez na adolescência, uso de métodos contraceptivos, quais formas de prevenção são efetivamente utilizadas por essa população, e IST's juntamente com seus desencadeamentos e impacto familiar e na saúde da mulher. Discutir a importância e o impacto da gravidez na vida da adolescente através dos dados levantados, e fomentar o debate acerca de questões importantes como medidas de prevenção, educativas, dentre outros assuntos relevantes.

Aspectos éticos e legais

Nesta pesquisa, serão respeitados os preceitos legais e éticos que devem ser seguidos nas investigações relacionadas à seres humanos, conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

RESULTADOS

O estudo realizado teve uma abrangência de quarenta e sete participantes, todos (100%) referentes ao gênero feminino. Nessa circunstância, no que tange à idade, os entrevistados foram divididos pelas faixas etárias utilizando o espectro de idade variando de pré-adolescência (n = 1, 2,1%) de 10 a 14 anos, adolescência (n = 4, 8,5%) de 15 a 19 anos, juventude (n = 7, 14,9%) de 20 a 25 anos, e adulta (n = 35, 74,5%) com maiores de 25 anos, além disso foi notado uma predominância de indivíduos que possuíam uma idade que variava de 19 a 25 anos ou mais, correspondendo, dessa forma, a 89,4%. Ademais, na perspectiva do estado civil, foi registrado que 36,2% das entrevistadas eram casadas, 12,7% viviam na mesma residência que o parceiro, porém sem vínculo legal, 44,7% eram solteiras, 4,2% eram viúvas e 2,1% estavam em regime de união estável. Dentre as entrevistadas, avaliou-se prevalência de 53,3% delas iniciando a vida sexual no período da adolescência, seguidas de 15,6% na pré-adolescência e 15,6% na juventude, e por último 8,9% na vida adulta e 6,7% não haviam iniciado a vida sexual. No total, 26,1% das entrevistadas consideraram-se sexualmente inativas, enquanto 73,9% consideraram-se sexualmente ativas, e destas, 90,2% tinham apenas um parceiro e 9,8% tinham mais de um parceiro. Cabe destacar que foi comprovado que, das quarenta e sete participantes, mais da metade (52,2%) não faz uso de contraceptivo de nenhum tipo, enquanto 47,8% faz uso de algum contraceptivo. As entrevistadas registraram que 15% utilizam o anticoncepcional oral, 24% usam o preservativo masculino/feminino, 16% usam o anticoncepcional injetável e 4% usam o DIU, com 8% registrando que utilizam outros métodos. Sobre a natalidade, 61,7% das entrevistadas tinham pelo menos um filho, 31,9% não tinham filhos, 4,3% estavam gestantes e já tinham filho e 2,1% estavam gestantes do primeiro filho. Das que já eram mães, foi registrado que 3,1% estavam grávidas do primeiro filho, 15,6% tinham 1 filho, 31,2% tinham 2 filhos, 25% tinham 3 filhos, 18,7% tinham 4 filhos, e 3,1% tinham 5 filhos e 7 filhos.

Outro dado revelador foi que 42,4% das mulheres tiveram o primeiro filho na juventude, enquanto 39,4% teve na adolescência e 6,1% na pré-adolescência. Expõe-se aqui que 45,5% das mulheres entrevistadas teve a primeira gravidez na adolescência ou pré-adolescência. 3% delas teve na juventude e 9,1% registrou que teve na vida adulta. Essas gravidezes, segundo apurado, 75,8% não foram planejadas, enquanto 24,2% foram planejadas.

Foi abordado ainda dados sobre as mães das entrevistadas, cujos resultados mostraram que 43,6% delas teve o primeiro filho na adolescência, 30,8% na juventude, 17,9% na vida adulta, 5,1% na pré-adolescência e 2,6% na juventude, com 70,5% das gravidezes planejadas e 29,5% não planejadas. Sobre a quantidade de filhos que as mães das entrevistadas tiveram, quantificou-se que 6,8% teve 1 filho, 25% teve 2 filhos, 6,8% teve 3 filhos, 11,4% teve 4 filhos, 18,2% teve 5 filhos, 13,6% teve 6 filhos, 2,3% teve 7 filhos, 9,1% teve 8 filhos, 4,5% teve 9 filhos e 2,3% teve 12 filhos.

Ademais, sobre o conhecimento sobre os métodos contraceptivos disponibilizados pelo SUS, 82,6% conheciam o anticoncepcional injetável, 84,8% o anticoncepcional oral, 56,5% o diafragma, 78,3% a pílula anticoncepcional de emergência, 84,8% o DIU, 78,3% o preservativo feminino, 73,9% o preservativo masculino e 4,3% desconheciam todas. Foi apurado ainda que 52,3% das entrevistadas pensa em realizar a laqueadura tubária, 22,7% não pensa em fazer, 13,6% pensa em realizar talvez no futuro e 11,4% não sabe/desconhece o método.

Sobre IST's, as entrevistadas responderam que 93,5% nunca teve diagnóstico, 4,3% já teve e 2,2% não soube dizer. Sobre o conhecimento das IST's mais prevalentes, 62,2% diziam conhecer a herpes, 75,6% o HPV, 82,2% a hepatite, 64,4% a sífilis, 86,7% o HIV e 8,9% referiu que desconhece todas.

Sobre o conhecimento sobre a comunidade, foi investigado se as entrevistadas conheciam alguma mulher que teve gravidez na adolescência, das quais 80,4% referiu que sim, 17,4% disse que não conhece e 2,2% não soube responder e as idades referidas foram 11 anos

(4,2%), 12 anos (8,4%), 13 anos (25%), 14 anos (8,4), 15 anos (25,1), 16 anos (8,3%), 17 anos (16,7%) e 20 anos (4,2%).

INTERVENÇÃO

A partir dos resultados coletados no questionário aplicado, verificou-se a necessidade de uma ação interventiva na UBS, visando apresentar os métodos contraceptivos disponibilizados pelo SUS de forma didática e efetiva, e abordar as IST's e seus principais sintomas para disseminar o conhecimento e incentivar a prevenção e diagnóstico precoce.

Foi decidido que a abordagem se daria através de panfletos informativos e abordagem educativa na unidade de saúde. Foram elaborados dois panfletos, buscando mostrar ilustrativamente com fotos cada método contraceptivo (diafragma, DIU de cobre, anticoncepcional injetável, laqueadura, pílula anticoncepcional e caminha feminina), seu tempo de efetividade, formas de uso e idade recomendada. Além disso, buscou-se esclarecer quais os únicos métodos eficazes na prevenção contra IST's, que são os preservativos masculino e feminino. Ainda elencamos as principais infecções sexualmente transmissíveis (sífilis, HPV, HIV, hepatite e herpes genital), e seus sintomas, de forma que a paciente abordada consiga reconhecer os sinais de alarme e busque atendimento médico antecipadamente. Foram usadas cores chamativas e linguagem acessível, e um design dinâmico convidativo para a leitura.

A entrega dos panfletos aconteceu juntamente com a disseminação de conhecimento dos alunos à comunidade acerca dos assuntos anteriormente abordados no questionário. Tal ação despertou a curiosidade e a agregação de muitas pessoas, visto que é uma problemática bastante recorrente no posto e na comunidade.

Durante a ação, foi possível observar as lacunas de informação da população, e como grande parte das mulheres abordadas não tinham conhecimento sobre todos os métodos contraceptivos disponibilizados gratuitamente e quais têm direito. Além disso, houve grande interesse por parte de mulheres jovens e mães a

respeito principalmente do DIU e da laqueadura. Muitas relataram a dificuldade de conseguir implantar o DIU na atenção básica, tanto pela escassez de dispositivos quanto de médicos para realizar o procedimento. Assim como outras também relataram ter manifestado interesse pela laqueadura durante os atendimentos na atenção básica, sendo desencorajadas pelos profissionais que as atendiam.

O contato com as pacientes foi engrandecedor pois nos permitiu ver a carência de informação do público-alvo, e o interesse delas em obter orientações de fonte qualificada. Foi interessante observar o quanto as pacientes abordadas foram receptivas, contribuindo com o debate e tirando dúvidas, lendo o material distribuído.

Todos esses momentos tiveram o objetivo de reforçar conhecimentos cruciais sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, que são informações, apesar de básicas, extremamente importantes no contexto social, comunitário e sanitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas ações implementadas foram de suma importância para esclarecer dúvidas e espalhar mais conhecimentos sobre aspectos básicos acerca de métodos contraceptivos e IST's.

Foi constatado que, apesar da população ter um certo tipo de esclarecimento sobre os assuntos, ainda faltavam certas informações para tornar o conhecimento que já se tinha por parte da comunidade mais completo e mais assertivo.

O projeto de intervenção foi essencial para se compreender mais as necessidades das pessoas que são atendidas no posto, assim como foi uma oportunidade imprescindível de trabalhar em equipe para um projeto de intervenção, se obter mais informações sobre as condições de atendimento em um ponto de atendimento do SUS e ter um aprendizado mais prático sobre a relação médico-paciente, especialmente na hora de conduzir pacientes, no quesito tratamento e prevenção.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.S. *et al.* Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, [s. l.], v. 23, p. 3683-3687, 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.

CAMARGO, B.V. *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, ed. 3, p. 343-354, 2020.

CARVALHO, G.R.O. *et al.* Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, ed. 1, p. 7-17, jan/mar 2018.

MAGNUSSON, B. M. *et al.* Early sexual debut and risky sex in young adults: the role of low self-control. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 19, p. 1-8, 2019.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. Atenção à Saúde do Adolescente. – 2. ed. – Belo Horizonte: SAS/MG, 2007. 152 p

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Marco teórico e referencial da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília, 2006. Recuperado em 30 de maio de 2022 em www.portal.saude.gov.br

PESQUISA GRAVAD (2006). Pesquisa de adolescente no Brasil. Recuperado em 01 de maio de 2022 em www.portal.saude.gov.br

OLIVEIRA, P.S. *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. **Revista de Enfermagem**, [s. l.], v. 12, ed. 3, p. 753-762, março 2018

OLIVEIRA, M.W. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, p.48 -70, jul. 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.br> >. Acesso em: 03 junho 2022